

ARTIGO

MORTE APARENTE E PRÁTICAS DE REANIMAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA LITERATURA MÉDICA NO CONTEXTO DA ILUSTRAÇÃO EM PORTUGAL (1770-1818)¹

JEAN LUIZ NEVES ABREU

Doutor em História
Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: jeanluz.na@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0500-6287>.

RESUMO: As práticas de reanimação, que assumiram papel importante na medicina a partir do século XX, não estiveram ausentes da medicina do passado. Foi principalmente no decorrer do século XVIII que se intensificou a reflexão sobre o valor da vida humana, o que implicou em uma atenção sobre quais procedimentos poderiam livrar da morte as vítimas de acidentes, acometidas por asfixias. Essa discussão significou também uma atenção cada vez maior sobre a necessidade de se identificar os sinais da “morte real” no corpo, de maneira a se evitar a morte aparente. O objetivo desse artigo é a questão da “morte aparente” e as práticas de reanimação no contexto da Ilustração em Portugal, no período entre 1780 e 1818. Procuramos mostrar como a literatura médica sobre o tema se articulou com as questões sanitárias do período e o papel exercido pela tradução de obras estrangeiras sobre esses temas, bem como as práticas que eram recomendadas para reanimar os corpos.

PALAVRAS-CHAVE: morte aparente, reanimação, medicina, Portugal

¹ Este artigo é um dos resultados do projeto “Os debates sobre a morte e os usos do corpo post mortem no Brasil do século XIX”, que conta com o financiamento da FAPEMIG-MG (Processo APQ-00016-21).

APPARENT DEATH AND REANIMATION PRACTICES: A STUDY FROM THE MEDICAL LITERATURE IN THE CONTEXT OF THE ENLIGHTENMENT IN PORTUGAL (1770-1818)

ABSTRACT: The techniques of reanimation, which had an important role in medicine after the 20th century, were not absent from the medical issues of the past. It was mainly during the 18th century that reflection on the value of human life intensified, which involved developing procedures capable of rescuing from death the victims of accidents, affected by asphyxia and other illnesses. This discussion also meant increasing attention to the need for doctors to identify the signs of “real death” in the body, in order to prevent people in situations of “apparent death” from being buried. The purpose of this article is to address the issue of “apparent death” and reanimation practices in the context of the Enlightenment in Portugal, between 1780 and 1818. We sought to show how the medical literature on the subject was articulated with the health issues of the period and the role played by the translation of foreign works on these themes, as well as the practices that were recommended to reanimate bodies.

KEYWORDS: apparent death, reanimation, medicine, Portugal.

Recebido em: 23/03/2022

Aprovado em: 07/11/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p169-194>



Introdução

A questão da reanimação assume uma grande importância na medicina contemporânea. Anne Marie Molin observou que o século XX foi marcado por um “salto sem precedentes na utilização de máquinas automáticas que servem para compensar a falência das funções isoladas do corpo”, a exemplo da insuficiência respiratória aguda (MOLIN, 2008, p. 39). Os princípios de reanimação enunciados em meados do século passado são considerados avanços decorrentes do emprego cada vez maior da tecnologia médica para a manutenção da vida, conduzindo a alterações no próprio significado do processo de morrer (MENEZES, 2004, pp. 33-34).

Se por um lado, a medicina conta atualmente com procedimentos amparados cada vez mais no uso de máquinas e equipamentos que preservam a vida de pessoas entre a vida e a morte, por outro, tais questões não estiveram ausentes do saber médico do passado. Embora conservar a vida sempre tenha sido um dos princípios da medicina, foi no decorrer do século XVIII que se intensificou a reflexão sobre o valor da vida humana, o que implicou em uma atenção sobre quais procedimentos poderiam livrar da morte as vítimas de acidentes, acometidas por asfixias, eletrocussão, afogamentos e outras causas (MÁRQUEZ-RODRÍGUEZ; MÁRQUEZ-ESPINÓS, 2019, p. 146; SERDECZNY, 2018, pp. 12-13).

Em Portugal, junto a outras demandas de saúde pública, a questão dos enterros assumiu um papel relevante para as autoridades públicas. Além da discussão sobre os perigos dos enterros nos templos, que acabaram por reconfigurar o campo das práticas fúnebres nesse período, houve igualmente uma atenção ao fenômeno da morte aparente e das medidas necessárias para a preservação da vida. Embora em seus estudos Jorge Crespo tenha dedicado preciosas análises sobre o tema (CRESPO, 2003), neste artigo pretende-se aprofundar alguns aspectos que foram pouco contemplados. O trabalho visa contemplar a questão da morte aparente e as práticas de reanimação no contexto da Ilustração em Portugal, no período entre 1780 e 1818. Procuramos mostrar como a literatura médica sobre o tema se articulou com as questões sanitárias do período, e chamar atenção para o papel exercido pela tradução de obras estrangeiras sobre esses temas. O recorte temporal diz respeito ao período entre a atuação de Pina Manique

e a publicação do *Tratado de Polícia Médica*, de José de Freitas Soares, obra que antecedeu o período das reformas sanitárias da década de 1820. Apesar dessa delimitação, para se pensar sobre o objeto proposto, algumas fontes que não se enquadravam nesse recorte temporal foram utilizadas no decorrer do texto.

A primeira parte do artigo procura situar os debates sobre a morte aparente e socorros aos asfixiados de forma mais ampla e sua difusão em Portugal, a partir da divulgação da literatura médica. A segunda se volta de forma específica para as formas pelas quais os médicos buscaram distinguir a morte aparente da morte real e, na terceira, procura-se contemplar as práticas e técnicas de reanimação mais recorrentes nos impressos. Ainda sobre esse ponto, propõe-se uma análise sobre a utilização do tabaco como forma de reanimar os corpos dos asfixiados. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para a compreensão de determinadas práticas da ciência médica do setecentos, em um tema ainda pouco explorado na historiografia brasileira.

A literatura médica sobre a morte aparente e reanimação

Um dos dilemas que caracterizou a medicina a partir do setecentos em diversos países europeus consistiu na definição dos sinais da morte. Afinal de contas, quais os sinais do corpo garantiam que a vida havia cessado? Tal questão levou a um temor cada vez maior, de que, em algumas situações, as pessoas poderiam ser enterradas ainda com vida. Relatos provenientes da tradição oral, da literatura e de autores não médicos que compartilhavam desse medo encontraram, apesar de algumas ressalvas, ressonância no meio médico (CAROL, 2004, pp. 162-163).

Na França, um dos países onde o tema assumiu protagonismo, foram impressos diversos títulos, a exemplo de *Dissertation sur l'incertitude des signes de la mort et l'abus des enterrements et embaumements précipités*, de autoria do médico Bruhier d'Ablaincourt, inspirado em um livro escrito dois anos antes pelo cirurgião Jacques Bénigne Winslow. Em 1745, Bruhier publica um livro mais autoral, *Mémoire sur la nécessité d'un règlement général au sujet des enterrements et des embaumements*. Anos mais tarde,

um membro da Academia Real de Cirurgia, Antoine Louis, traz a público *Lettres sur la certitude des signes de la mort* (1752).

Ao contrário de Bruhier, que distinguia na putrefação o sinal inegável da morte, Louis defende que a rigidez cadavérica e a flacidez do olho eram sinais confiáveis e ninguém precisava esperar a putrefação, que também podia ser perigosa para a saúde. Apesar das divergências, Anne Carol considera que as principais contribuições dessas obras foram tratar a morte do ponto de vista médico e, de igual maneira, colaboraram para definir conceitualmente a morte aparente, estado definido como intermediário entre a vida e a morte, mas da qual era possível retornar, caso as razões de tal estado fossem diagnosticadas (CAROL, 2015, p. 247). Tais obras exerceram influência nas reflexões sobre a morte aparente no contexto Europeu e diversos títulos foram publicados em outros países no decorrer do setecentos, a exemplo da Itália (MARINOZZI, 2015), Espanha (MÁRQUEZ-RODRÍGUEZ; MÁRQUEZ-ESPINÓS, 2019; DEMERSON, 2001) e Inglaterra (EISENBERG, 1994).

Em Portugal, o tema mobilizou a atenção de médicos, letrados e autoridades, principalmente a partir do período em que Diogo Inácio Pina Manique esteve à frente da Intendência Geral de Polícia, entre 1780 e 1805. Além da renovação cultural de Portugal, sob a influência das reformas pombalinas e do Reformismo Ilustrado,² esse período marcou também as tentativas de se implementar reformas sanitárias no país, em acordo com os preceitos higienistas da época. Um dos aspectos contemplados situava-se na tentativa de transformar antigos hábitos, considerados arcaicos e que ofereciam perigos à saúde dos vivos como os sepultamentos em campo santo.³ O temor difundido pelos médicos de que o cadáver em putrefação pudesse ser um foco de doenças e epidemias, resultava, muitas vezes, em

² Em razão dos limites e propósitos deste artigo, não serão retomadas aqui as discussões sobre o Reformismo Ilustrado em Portugal e suas implicações políticas, sociais, econômicas e científicas. Há uma ampla bibliografia sobre o assunto. Ver a respeito, dentre outros, os estudos de (CONCEIÇÃO, 2019; VILLALTA, 2015, KURY, 2004; MAXWELL, 1996)

³ Tal problemática não se restringiu ao contexto lusitano. No Brasil do século XIX, essa questão mobilizou os médicos, principalmente aqueles ligados à Academia Imperial de Medicina, criada em 1835, a partir da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Antes mesmo da Independência, a questão foi objeto de debates. Um dos primeiros a contemplar essa discussão no Brasil foi o cirurgião José Correa Picanço, que viera para o Brasil com D. João VI, que publicou *Ensaio sobre o perigo das sepulturas nas cidades e nos seus contornos* (1812) (REIS, 1991, p.255). Além do estudo de João José Reis, ver também os estudos de Cláudia Rodrigues sobre a questão (RODRIGUES, 1997).

enterros premeditados. Assim, paralelamente à defesa da reforma dos rituais fúnebres (CATROGA, 1999, pp. 46-53; CRESPO, 1990, pp. 234-24), a morte aparente tornou-se objeto de inquietações. Tal aspecto levou a Junta de Saúde Pública, em 1813, a apresentar uma proposta de recomendar que os mortos fossem observados por 48 horas antes de serem enterrados (CRESPO, 2003, p. 36; CRESPO, 1990, pp. 257-258).

Embora algumas obras que circularam em Portugal em meados do setecentos já contemplassem o assunto⁴, é a partir da década de 1770 que diversos opúsculos passaram a tratar do fenômeno da morte aparente e das práticas e técnicas de reanimação. A publicação de uma literatura médica específica esteve entrelaçada com um movimento mais amplo, o da divulgação da ciência em Portugal e nos domínios transatlânticos.⁵ Dentre os livros impressos e traduzidos no período, encontram-se diversos manuais de medicina, que tinham como principais propósitos divulgar os preceitos da arte de curar e promover a popularização das ideias médicas (DENIPOTI, 2003, p. 927; MARQUES, 2004). No caso das mortes aparentes e das práticas de reanimação, tratavam-se de conhecimentos bastante úteis. Ademais, a proliferação de uma literatura dedicada ao tema atenderia também um interesse cada vez maior das classes alfabetizadas, pelo conhecimento sobre o mundo natural e o funcionamento do corpo humano (MCCABE, 2019).

Desse modo, em diversos países, assiste-se à proliferação de impressos com o objetivo de divulgar práticas e técnicas de reanimação. Dentre esses impressos, pode-se mencionar o livro de Joseph Jacques de Gardane, *Avis au peuple, sur les asphyxies ou morts apparentes et subites* (1774). Reiterando outros autores, o médico afirmava que nos casos de asfixia, a vida daqueles que pareciam mortos estava apenas suspensa. O objetivo do livro era reunir todos os meios para restituir à vida daqueles que aparentavam a ter perdido, de modo a facilitar a administração desses meios a pessoas não familiarizadas com a arte de curar (GARDANE, 1774, pp. 4-5).

⁴ Exemplo são os escritos de Jerónimo Benitto Feijóo, que tiveram ampla repercussão em Portugal em meados do setecentos (RIBEIRO, 2003, pp. 167-168), s. O autor não chegou a escrever um livro sobre o assunto, mas o contemplou em suas *Cartas Eruditas e Curiosas* (1759). Ver a respeito: (MÁRQUEZ-RODRÍGUEZ; MÁRQUEZ-ESPINÓS, op. cit., p. 148)

⁵ Dentre esses empreendimentos estava a Casa Literária do Argo do Cego que, entre 1799 e 1801, editou diversos livros sobre técnicas agrícolas e temas ligados à história natural e medicina (WEGNER, 2004; CURTO, 1999); e a publicação do *Jornal Enciclopédico*, publicado, com algumas interrupções entre 1788 e 1806, jornal em que várias questões eram contempladas, como história natural, física, química, medicina e cirurgia (REIS, 2005).

Gardane também escreveu *Catéchisme sur les morts apparentes, dites asphyxies, ou, Instruction sur les manieres de combattre Les Différentes Espèces de Morts Apparentes*, publicado por ordem do governo francês e que contou com várias edições. No prefácio, o médico justifica que a obra anterior, pela forma como havia sido escrita, convinha mais aos eruditos do que ao povo. Por essa razão, incorporava a forma dialógica, pois assim os preceitos poderiam ser mais facilmente retidos (GARDANE, 1781, p. 3).

O “Catecismo” de Gardane foi impresso na Espanha no final do setecentos, sendo traduzido pelo professor de medicina Don Juan Galisteo y Xiorro, conjuntamente com a tradução do *Aviso ao povo acerca da sua saúde*, de André Tissot (XIORRO, 1790). O livro de Tissot foi uma das principais obras de divulgação de medicina do setecentos, sendo traduzido em diversas línguas a partir de 1760.⁶ Em Portugal, a tarefa coube ao médico Manoel Henriques de Paiva, prolífero escritor e tradutor de livros de ciência, assumindo um papel de destaque no processo da divulgação do saber médico nas últimas décadas do setecentos (DENIPOTI, 2017, p. 920; ABREU, 2013, pp. 69-70; PITA, 2011, pp. 207-208).

No primeiro volume da obra, Tissot tratou de diversas doenças do “povo”, tais como bexiga, sarampo, dores de dente e a apoplexia, doença descrita como “uma perda de todos os sentidos todos os movimentos voluntários, durante a qual o pulso se conserva, a respiração padece”. Apesar de observar que em alguns casos a apoplexia podia ser fulminante, não restando nada a fazer; em outros, quando o mal não era tão violento e o enfermo se achasse com o pulso forte, uma série de procedimentos deveriam ser tomados, os quais incluíam deixar o corpo descoberto, fazer uma sangria no braço, colocar sobre ele uma “ajuda do cozimento das ervas emolientes⁷ que estiverem mais a mão” (PAIVA, Tomo I, 1786, pp. 201-202).

Quanto a Gardane, excertos de sua obra foram incorporados ao segundo tomo do livro de Tissot. Manuel Henriques de Paiva acrescentou

⁶ A obra de Tissot e de outros autores médicos que tinham por objetivo popularizar a medicina circularam em diversos países, incluindo o Brasil. De forma específica, o livro de Tissot era voltado não só para uma elite letrada, mas também para as populações rurais. Para tanto, o autor buscava se utilizar de intermediários, como padres, médicos e homens letrados para difundir os conselhos entre a população considerada inculta (MARQUES, 2004).

⁷ De acordo com o *Vocabulário português, e latino*, de Bluteau, no século XVIII o termo “emoliente” era um termo médico que se referia a remédios para “saltar o ventre”, ou “abrandar uma dureza” (BLUTEAU, 1712-1728, v.3, p. 55).

uma nota ao capítulo XXVIII, informando que aquele autor tratava sucintamente do socorro aos afogados, “sem tratar de outras castas de afogados, nem de tantas mortes aparentes, que diariamente sucedem” e, por essa razão, omitiu um dos capítulos da obra original, colocando em seu lugar observações extraídas de uma obra do Dr. Gardane (TISSOT, Tomo II, 1786, p. 103). Comparando o livro de Gardane com a tradução de Henriques de Paiva, constata-se que o médico português se refere ao opúsculo *Avis au peuple, sur les asphyxies ou morts apparentes et subites* (1774). Chama atenção o fato de Henriques de Paiva substituir uma informação no início do artigo III. Onde o médico francês menciona a lista de afogados em Paris (GARDANE, 1774, p. 27), na tradução aludia-se ao “número de pessoas que todos os anos se afogam em todo o Tejo, Mondego e n'outros rios de Portugal” (TISSOT, Tomo II, op. cit., 1786, p. 114).

Gardane ficou conhecido em Portugal ainda por meio do impresso *Avisos interessantes sobre as mortes aparentes: recopilados da coleção da Sociedade Humana de Inglaterra das obras de M. Pia, e M. Gardanne*, publicado pela Academia de Ciências de Lisboa (AVISOS, 1790). Conforme se vê pelo título, esse opúsculo adaptava excertos do livro do médico Philippe-Nicolas Pia, *Detail des succès de l'établissement que la ville de Paris a fait en faveur des personnes noyées, & qui a été adopté dans diverses provinces de France* (1774) (TRÉPARDOUX, 1997). A Sociedade Humana da Inglaterra foi, ao lado de outras instituições semelhantes, comprometida com o tratamento das vítimas de afogamento e de indivíduos que se encontravam em morte aparente por outras razões.⁸ De acordo com essas finalidades, em Portugal, chegou-se a propor a constituição da "Sociedade dos Amigos da Humanidade", com delegações em todas as cidades do país (CRESPO, 2003, p. 35).

Essas sociedades exerceram um papel importante na disseminação de conhecimentos médicos provenientes de várias regiões, como exemplificam os casos das obras de Gardane e Philippe-Nicolas Pia. Médicos e cirurgiões que exerciam seu ofício em Londres também contribuía-

⁸ A Sociedade inglesa foi uma das muitas sociedades humanitárias constituídas entre o final do século XVIII e início do XIX. A primeira foi criada em Amsterdã, em 1767, exemplo seguido por Milão, Paris e Londres. Instituições geralmente filantrópicas e que sobreviviam de doações e trabalho voluntário, as sociedades humanitárias contribuíram para a incorporação de avanços no campo médico e uso de equipamentos e técnicos de salvamento (MCCABE, op. cit., 2019).

memórias e livros sobre o tema. Um deles foi Charles Kite, membro da Companhia de Cirurgiões de Londres, que recebeu medalha de prata em reconhecimento pelo livro *An essay on the recovery of the apparently dead* (1788).

Alguns letrados compartilhavam da perspectiva filantrópica comungada por essas sociedades. O conde Leopold Berchtold incorporou essa dimensão ao traduzir do alemão o livro de João Mislei, *Ensaio de vários meios com que se intenta salvar, e conservar a vida dos homens em diversos perigos* (1793), para se “distribuir gratuitamente pelo bem da humanidade”.⁹ Para além do intento divulgador e filantrópico, algumas traduções atediam “ao estatuto social do Antigo Regime que justificavam as traduções”, sendo comum a encomenda de obras por figuras de poder nas últimas décadas do setecentos (DENIPOTI, p. 921).

É o caso de Pina Manique, que encomendou a Henriques de Paiva a “tradução e publicação” do *Método de restituir a vida às pessoas aparentemente mortas*, de 1790, recomendado pela Sociedade Humana de Londres, obra oferecida ao público com os devidos acréscimos e alterações (PAIVA, 1790, p. 4). No mesmo ano, alguns excertos do livro foram publicados em forma de folheto. A esse respeito, a *Gazeta de Lisboa* informava que o Intendente Geral de Polícia, movido pelo “seu louvado zelo pelo bem dos vassalos portugueses”, havia mandado imprimir um folheto, o *Método de restituir a vida às pessoas aparentemente mortas por afogamento ou sufocação, acompanhado da Figura e descrição do respirador de Mudge, com a maneira de usar dele, e um sumário de seus efeitos nas tosses catarrais recentes, e noutros achaques* (GAZETA DE LISBOA, n. XVII, 1790, pp. 27-31).

Manuel Henriques de Paiva não se limitou a verter para a língua portuguesa opúsculos que versavam sobre o assunto. A esse respeito, escreveu *Aviso ao povo sobre as asfixias ou mortes aparentes* (1787), opúsculo no qual sistematizava uma série de conselhos sobre o tema. A atenção despendida por Henriques de Paiva ao assunto pode ser avaliada pela confecção de outro impresso onde tratava de forma mais específica dos

⁹ A primeira edição da obra data de 1792. Utilizamos uma edição editada em 1793, onde o opúsculo vem acompanhado de outra obra do Conde Leopoldo. *Ensaio sobre a extensão dos limites da beneficência a respeito, assim dos homens, como dos mesmos animais* (1793).

venenos. No prefácio à obra, afirmava que os conhecimentos dos meios de “socorrer as pessoas empeçonhadas com venenos corrosivos”, e de as livrar de seus funestos efeitos era “tão interessante à humanidade como os meios de socorrer os afogados” e as pessoas sujeitas a outros tipos de sufocação (PAIVA, 1787, Prefação).

A atuação do Intendente no sentido de difundir conselhos sobre os socorros em casos de morte aparente ia além do zelo com os vassalos portugueses. Conforme se depreende da análise de Laurinda Abreu, tais medidas contribuíam para reforçar o papel da Intendência no âmbito dos assuntos sanitários do Reino, confrontando-se por diversas ocasiões com a Junta Protomedicato (1789), acusado em diversas ocasiões de incompetente nos assuntos de saúde pública, que lhe competiam (ABREU, 2013, pp. 359-360).¹⁰ Dessa forma, os poderes exercidos pelo Intendente no campo da saúde e da inovação médica, se apropriava de jurisdições que muito “extravasavam os programas da Instituição” (ABREU, 2013, p. 19).¹¹

Tais elementos indicam, a nosso ver, os aspectos específicos que a promoção dos livros de socorros assumiu em Portugal no contexto do Reformismo Ilustrado, bem como o lugar ocupado pela Intendência de Polícia ao viabilizar a divulgação da maior parte dessas obras. Os impressos do período, por sua vez, indicam a assimilação da literatura médica estrangeira, em particular a inglesa e a francesa, explicitando o papel das traduções para a atualização do saber médico luso no tocante ao tema em análise, o que representou a incorporação de técnicas e procedimentos que também tendiam a ser apropriados.

¹⁰ Em outro estudo, Laurinda de Abreu afirmou, a respeito dos conflitos entre o Protomedicato e outras instituições, que eles “ocorreram com a Universidade de Coimbra – por causa da emissão de diplomas para “curar de medicina” e da validação dos graus obtidos em universidades estrangeiras –, com a Igreja – por causa das boticas administradas por religiosos – e com o intendente-geral da Polícia, que acusava a Junta de incompetência e ineficácia” (ABREU, 2018, p. 519). José Subtil também observou que Diogo de Pina Manique, em muitos casos, intrometeu-se diversas áreas administrativas, criando conflitos com quase todas as autoridades, inclusive, com o próprio governo (SUBTIL, 2015, p. 23).

¹¹ A criação da Intendência Geral de Polícia, em 1760, obedeceu à necessidade de introduzir algumas mudanças “na estrutura de segurança existente até então em Portugal, e em particular na cidade de Lisboa”, afetada pelo Terremoto de 1755, e o caos social e urbanístico gerado pelo evento. Com o órgão, entregava-se a um único magistrado matérias que eram repartidas por diversas jurisdições (GAMA, 2016, pp. 101-102).

Os sinais equivocados da morte

Dentre os autores estrangeiros que circularam em Portugal, o livro de Leopoldo Berchtold foi o que mais se debruçou sobre os sinais da morte. Enquanto os demais autores, como Gardane e Nicholas Pia, preocuparam-se mais com os procedimentos a serem tomados para salvar as pessoas no caso de morte aparente, Berchtold dedica diversas páginas sobre os equívocos que podiam levar uma pessoa, ainda estando viva, à sepultura. Todos os sinais de sensibilidade poderiam desaparecer, como o movimento do coração e a respiração, sem causar a morte. Algumas enfermidades, como a epilepsia, a apoplexia, algumas enfermidades agudas, os acidentes nervosos, a histeria, o furor uterino, dentre outras, podiam resultar em uma morte aparente. O autor incluía ainda os casos de afogamento, envenenamento, estrangulação, o “ar enclausurado e mefítico”. Considerava ainda que em razão da delicadeza da compleição das mulheres e a nímia sensibilidade de seus nervos”, as tornavam mais suscetíveis do que os homens à morte aparente. Apoiado em François Thiéry, ele afirmava que o princípio de podridão não era “um sinal infalível de verdadeira morte, exceto quando é acompanhado de um fedor cadavérico insofrível, e de outros sinais ordinários de morte” (BERCHTOLD, 1793, pp. 4-7).

Uma das primeiras obras escritas em Portugal na qual aparece uma abordagem mais alentada sobre os sinais da morte foi o *Tratado de Polícia Médica* (1818), de José de Freitas Soares, membro da Junta de Saúde Pública. O Tratado de Freitas Soares não se resumia ao assunto. Obra de cunho higienista, o livro comungava dos princípios da polícia médica na Europa, voltada para a preservação da população, da qual dependia a riqueza dos Estados modernos (SUBTIL, 2021; MANTOVANI, 2018; SUBTIL; VIEIRA, 2012). Embora contemple outros temas relativos à salubridade e preservação da saúde da população, não deixa de lado o fenômeno da morte. No capítulo IV, o médico advertiu que “distinguir as mortes verdadeiras das mortes aparentes, particularmente entre as mortes repentinas” era objeto de “bastante ponderação, a fim de se evitarem os enterros prematuros, e também para se darem socorros aos doentes” (SOARES, 1818, p. 19). Quanto aos sinais de óbito, defendia que esses dependiam da morte sucessiva do “cérebro, pulmão e coração”. Referindo-se aos fenômenos secundários da

vida animal e orgânica, alertava que, muitas vezes “a pulsação, a respiração, o calor, o sentimento, e o movimento parecem ter acabado, quando tais funções só existem interrompidas (SOARES, 1818, p. 19).

Na obra de Freitas Soares é possível notar a assimilação de uma noção de morte como fenômeno associado a um processo múltiplo e não um acontecimento único e instantâneo, conforme prevalecera até então.¹² Marie François Xavier Bichat (1771-1802), por meio da anatomia em cadáveres, observou que a morte era um processo cronológico, marcado por vários acontecimentos, tais como a perda de sentidos, o enfraquecimento da locomoção, rigidez dos músculos e, finalmente, a parada cardíaca (Foucault, 2001). A morte entendida como processo foi cara ao vitalismo de Montpellier, influenciando a obra de Bichat.¹³ Jean J. Menuret, um dos colaboradores da Enciclopédia de Diderot e D’Lambert e associado a essa tradição, observava que, independentemente da causa da morte, seu efeito imediato era a parada da circulação, a suspensão dos movimentos vitais. Entretanto, a sensibilidade ou irritabilidade permaneciam por algum tempo (MILANESI, 1991, pp. 175-176).

Por precaução, Freitas Soares preconizou algumas providências a serem adotadas pelo Estado, nas quais constava a proibição dos juízes de saúde em não conceder licença para enterrarem os mortos enquanto não passasse o tempo marcado nas certidões pelo facultativo, de modo a se evitar os enterros de pessoas vivas, desde que não excedesse o prazo de 24 horas. Embora a putrefação fosse considerada como a prova refutável da morte, o médico a considerava perigosa para a saúde, não podendo ser

¹² A definição de morte como evento único e instantâneo tem suas origens com o paradigma cristão, de origem platônica, que define a morte como o momento de separação da alma do corpo. Para uma melhor discussão desse tema ver (MILANESI, 1991).

¹³ A abordagem das ciências da vida, definida posteriormente como vitalismo, surgiu no início do século XVIII, sendo atribuída às ideias animistas de Georg E. Stahl (1659-1734), que propunha a distinção entre as ideias de mecanismo e organismo. Opondo-se às concepções iatromecânicas, Stahl propunha que todo o organismo, distinto do artefato mecânico, seria portador da *anima*, que provocava os movimentos inerentes à preservação da vida. As concepções animistas de Stahl foram levadas a Montpellier por François Boissier de Sauvages (1706-1767). A escola de Montpellier se tornou um dos principais centros do vitalismo francês, sendo associada a nomes como Bordeu, Fouquet e Jean J. Menuret (1733-1815). Sobre o vitalismo ver, dentre outros, os estudos de (WAISSE, AMARAL, ALFONSO-GOLDFAR, 2011; FERREIRA, 1993, pp. 34-35). Silvia Marinozzi observa que, ao se tomar a morte como estado fisiológico de transição, em que os movimentos vitais permanecem suspensos por um período indeterminado antes de sua extinção definitiva, é uma forma de confirmação das doutrinas vitalistas médicas e biológicas do século XVIII, que estabelecem uma distinção entre a morte real e a morte aparente, a qual era caracterizada por um estado letárgico do organismo (MARINOZZI, op. cit., 2015, pp. 312-315).

prova infalível por si só para determinar a morte geral do corpo humano (SOARES, 1818, pp. 15-25). Conforme observou Jorge Crespo, uma das inspirações de Freitas Soares no tocante à definição dos signos da morte foi a obra de Antoine Louis (CRESPO, 1990, p. 36), a qual, como se viu acima, propunha outras provas sobre o corpo.

Cabe destacar um aspecto não contemplado na análise de Jorge Crespo, qual seja, as situações indicadas na obra de Freitas Soares que podiam resultar no sepultamento de pessoas ainda em vida. Nesse sentido, o médico mencionava algumas enfermidades ou acidentes, tais como o de pessoas apopléticas, hipocondríacas, histéricas, afogadas, tocadas de raios, sufocadas por gases mefíticos (SOARES, 1818, p. 33).

Em tais circunstâncias, era necessário realizar uma série de procedimentos para verificar se o indivíduo se encontrava no estado de morte aparente. Dentre testes, os mais comuns aventados pela medicina do século XVIII estavam algumas técnicas bastante tradicionais. Os médicos propugnavam testar a sensibilidade de diversos órgãos do corpo, recorrendo a testes de respiração, usando uma vela ou espelho, observação da circulação e introdução de substâncias nas narinas, efetuar fricções energéticas no corpo, dentre outras. No avançar do oitocentas outras práticas seriam aplicadas, a exemplo da observação da rigidez cadavérica pela galvanização de parte de um músculo exposto; a medição da temperatura, tomando o calor como um princípio vital e o uso do estetoscópio, cujo uso inicial é atribuído a René Laennec (CAROL, 2004, pp. 170-180; PERNICK, 1988, p. 24).

José Freitas Soares via muitas dessas provas como insuficientes. Ao tratar do método para verificar a ausência da respiração, aproximando um espelho à boca ou ao nariz para ver se os “vapores da expiração” o embaçavam, o facultativo ponderava que não se podia julgar por esse meio se a respiração ainda existia, pois o espelho podia ser embaçado por “vapores estranhos à expiração”. Ele reporta ainda às técnicas que submetiam o corpo humano a outros testes, como a aplicação de álcool volátil nas ventas, assim como o recurso a picadas, escarificações nas palmas das mãos e plantas dos pés e ainda cauterizações com fogo, embora considerasse todas essas provas falíveis (SOARES, 1818, pp. 22-23).

Para o autor do *Tratado de polícia médica*, somente a tesura cadavérica seria o “único sinal característico da morte verdadeira”, e que, aparecendo junto aos demais sinais da morte, indicava que os enterramentos não deviam demorar (SOARES, 1818, pp. 22-23). Para sustentar sua opinião, o médico português se apoiava nas ideias de P. H. Nysten, a quem se atribui a primeira descrição sobre o *rigor mortis* (KORI, 2018, p. 2): das experiências do Dr. Nysten consta que “os órgãos musculares são exclusivamente o assento da tesura cadavérica, dependendo este fenômeno somente da sua contractilidade orgânica” e que tal fenômeno “tem lugar constantemente em todos os cadáveres” (SOARES, 1818, p. 27). As preocupações de Freitas Soares no que se refere à morte aparente não foram resolvidas nesse período e, após as reformas liberais de 1820, essa e outras questões de saúde pública serão objeto das reformas sanitárias do Vintismo. Conforme afirma Carlos Subtil, “os cemitérios, a morte aparente e os enterros foram temas recorrentes e uma das principais frentes de luta de alguns deputados, da comissão de Saúde Pública das Cortes e do próprio Ministério do Reino” (SUBTIL, 2013).

Mais preocupado em discutir os sinais da morte, Freitas Soares não contempla a discussão sobre os socorros que poderiam ser prestados a pessoas no estado de morte aparente, mas ainda com sinais de vida no corpo. Essa discussão, como já mencionado anteriormente, foi objeto dos estudos de Gardane, Nicholas Pia, Conde Berchtold e Manuel Henriques de Paiva.

Procedimentos e técnicas de reanimação: entre inovações e tradições

Os procedimentos e técnicas de reanimação empregados em pessoas no estado de morte aparente envolviam uma série de intervenções sobre o corpo. No contexto ao qual nos referimos, a asfixia era vista como uma das principais causas das mortes aparentes e os médicos acreditavam ser possível reverter esse estágio no organismo ainda vivo, desde que fossem observadas algumas precauções. No *Aviso ao povo sobre as asfixias ou mortes aparentes...*, Henriques de Paiva listou entre suas causas a imersão em água ou outro fluído, o frio da atmosfera, os vapores de carvão, os ar das estufas, a chama das matérias combustíveis; a tristeza e alegria em excesso,

as “afecções histéricas e a síncope”, as quedas, comoção do cérebro, as contrações nos cordões umbilicais dos recém-nascidos; causas às quais acrescentou, em sintonia com a medicina aerista da época que estabelecia os lugares de vigilância olfativa, (CORBIN, 1997) os cheiros fortes e penetrantes que “adormecem”, as exalações das latrinas e sepulturas, abobadas e carneiros onde se enterram os defuntos, prisões, hospitais (PAIVA, 1786, pp. 16-18). Seria impossível tratar nos limites de um artigo de todas essas formas de asfixia. Neste caso, optamos por contemplar a asfixia por afogamento, uma das principais causas de morte destacadas na literatura médica do período.

Para evitar a morte por afogamento, que vitimava inúmeras pessoas em Portugal, cabia tomar também certas precauções, como tirar o corpo da água e colocar em local seco, esfregá-lo com “sal moído”, panos molhados em licores “espirituosos”, como aguardente, fazer cócegas no interior do nariz, dentre outras (PAIVA, 1790, pp. 9-10; PAIVA, 1786, pp. 8-19). Após praticados esses “primeiros socorros”,¹⁴ ele instruía deitar de lado o afogado, de modo a ficar com a cabeça um pouco elevada, introduzindo ar em suas narinas por meio de um canudo em particular, ou de uma pena grossa ou cachimbo que deveria ser introduzido nas ventas do afogado e, se acaso essas estivessem tampadas, soprar-se-ia o ar pela sua boca (PAIVA, 1786, pp. 8-19). Outros socorros consistiam na cama de cinzas, no uso de ladrilhos quentes nos pés e a sangria. A esse respeito, o médico sublinha os cuidados, pois a sangria era realizada na veia do pescoço, devendo-se evitar qualquer ligadura. Picada a veia, não se devia abandonar a abertura, pois o fluido não podia sair com abundância de forma a debilitar o afogado. O médico comenta ainda o costume de embrulhar o corpo do afogado em pele de carneiro ou outro quadrúpede “recém esfolado”, picá-lo com alfinetes ou urtigas, colocar sobre seu estômago um “pão fervido em aguardente” advertindo, entretanto, que esses socorros só deveriam ser empregados quando outros não faziam efeito. O último meio era a abertura da traqueia, meio que não podia ser administrado senão por “médicos ou cirurgiões inteligentes” (PAIVA, 1786, pp. 22-26).

¹⁴ A expressão é utilizada pelo próprio Henriques de Paiva.

Os procedimentos indicados por Henriques de Paiva aproximam-se bastante dos recomendados por outros médicos da época. Na recopilação dos avisos sobre morte aparente, extraídos das obras de Pia e Gardane encontra-se uma descrição bastante próxima a do médico lusitano: fazer fricções no corpo do afogado, introduzir o ar em seu peito assoprando por uma cânula de boca, ou usar um tubo de fole por uma das ventas, para introduzir ar nos bofes. No que diz respeito à sangria, caberia ao cirurgião ponderar se era necessária na jugular, no braço ou no pé, sendo essencial que essa não fosse copiosa. (AVISOS, 1790, p. 8). As orientações relacionadas à sangria indicam que algumas dessas intervenções não eram permitidas a quem não tinha conhecimentos de medicina e cirurgia, razão pela qual muitos faleciam.

A esse respeito, o folheto que Pina Manique fez distribuir para socorrer pessoas aparentemente mortas, alertava que não se devia aplicar a sangria sem o “conselho de um médico sábio”. No próprio impresso, encontra-se também a referência ao uso da eletricidade (GAZETA DE LISBOA, n. XVII, 1 mai. 1790). Apesar de não se expor como essa ela seria empregada na medicina do período, era recorrente os experimentos com eletricidade, que utilizavam como cobaias animais, visando sua reanimação. Alguns médicos defendiam seu uso como forma fortalecimento do pulso, da respiração, da digestão (VIGARELLO, 1999, p. 149). Charles Kite, por sua vez, preconizava o choque elétrico como uma das provas principais da morte. Caso não houvesse contração muscular, era possível concluir a irreversibilidade da morte (EISENBERG, 1994, p. 1050).

Mas, nesse contexto, são as máquinas fumigatórias que adquirem um papel relevante para auxiliar os médicos nos procedimentos de reanimação. Em Portugal, Pina Manique adquiriu em 1789 “máquinas de ressuscitar afogados”, distribuindo-as pelo Hospital Real e o Militar, pela Casa Pia e casas religiosas. Utilizadas amplamente em países como França e Inglaterra, a primeira notícia dessas máquinas no país foi em 1786, ocasião em que a Academia Real das Ciências promoveu um concurso que premiaria com dinheiro e medalha aos que se destacassem no uso de tais máquinas (ABREU, 2013, pp. 357-358).

Na França, Philippe-Nicholas Pia foi um dos doutores pioneiros na utilização desses artefatos, concebendo um baú de madeira onde estariam

dispostos os utensílios e medicamentos necessários para a reanimação de pessoas retiradas da água. Esses continham um dispositivo de fumigação equipado com mangueiras, além de bandagens, garrafa de conhaque canforado, rolos de tabaco, uma caixa com eméticos, dentre outros acessórios (TRÉPARDOUX, 1997, p. 260). Na Inglaterra, o cirurgião Charles Kite incluiu em seu livro *An essay on the recovery of the apparently dead* (1788), uma descrição de caixas de instrumentos para aparentemente mortos. Essas instruções foram divulgadas em Portugal por Carlos Murray, cônsul britânico na Ilha da Madeira, em 1793. A caixa portátil deveria ser feita de maneira que qualquer um a pudesse levar em sua algibeira. Para fabricar a caixa de forma mais compacta, o fumigador era “feito de três peças; a saber: uma caixa, que serve para meter o tabaco. E dois canudos, tudo de latão”, que podiam ser armados com prontidão, atarraxando as peças. Para ajudar nesse processo, havia uma ilustração das peças e encaixes do fumigador. O texto incorporava ainda a descrição dos demais instrumentos que continham a caixa, tais como “uma seringa de marfim para introduzir fluidos no estômago”, uma lata com tabaco “para as fumigações”, incluindo ainda um instrumento para retirar as pessoas da água, denominado de “fatecha” (DESCRIÇÃO, s.p.).

Outro instrumento que objetivava tratar de problemas relacionados à respiração foi o respirador de Mudge,¹⁵ cuja descrição e imagem foram incluídas tanto na tradução feita por Henriques de Paiva, do livro recomendado pela Sociedade Humana de Londres, quanto no folheto divulgado na Gazeta de Lisboa, textos aqui já mencionados. O respirador consistia em um recipiente – vasilha de estanho ou outro material quase cilíndrico – com um bocal e um canudo flexível, onde se introduziria água fervente, ou vinagre ou licor que conviesse, substâncias que seriam vaporizadas e inaladas pelo enfermo (PAIVA, 1790, pp. 21-26).

¹⁵ O respirador do cirurgião e médico John Mudge foi concebido em 1778, sendo descrito na obra *A Radical and Expeditious Cure for a Recent Catarrhus Cough*, para ser utilizado para o tratamento da tosse catarral (STEIN E THIEL, 2017, p. 23).

Figura 1 – Respirador de Mudge



Fonte: Disponível em : <https://wellcomecollection.org/works/quwa57z5/items?canvas=261>. Acesso em: 07/11/2022.

O tabaco e a reanimação dos afogados

Pelo exposto, nota-se o papel da imprensa na divulgação do respirador e das máquinas fumigatórias, sendo estas também colocadas à disposição da população em Lisboa (ABREU, 2013, pp. 357-358). Esses equipamentos, que utilizavam de princípios físicos e mecânicos, traduziam-se em inovações para a medicina do setecentos. Entretanto, eles não introduziram mudanças nas substâncias que eram comumente utilizadas para serem insufladas no corpo dos afogados. Neste caso, dos componentes mencionados anteriormente – sais, aguardentes e outros –, os livros da época incluíam o uso do tabaco, o qual haveria de ser introduzido pelas ventas ou pelas “tripas” dos afogados, fosse por meio de uma seringa ou máquina fumigatória.

Nessa perspectiva, o livro que recopilava as obras de Gardane e Pia, indicava no tempo dos socorros “fazer obrar a máquina fumigatória”, unindo o fole da máquina a uma cânula fumigatória flexível. Na obra alertava-se sobre alguns inconvenientes:

Pode suceder que o bico da cânula fumigatória se tape encontrando fezes no intestino; o que se conheceria pela resistência que faria o fole

e saída do fumo por todas as juntas: neste caso se tira; e faz limpar; e para não perder tempo usar do outro bico que há de ser sobressalente (AVISOS, 1790, p. 10).

Após um quarto de hora, desapegava-se a máquina da cânula, e chegando “aquela ao nariz” e, à boca do afogado, se lhe “deita fumo pelo nariz e garganta, para fazer irrigação nessas partes, e logo se continua outra vez a fumigação nos intestinos” (AVISOS, 1790, p. 10). O mesmo procedimento, com algumas modificações, repete-se nas demais obras. Henriques de Paiva, no lugar da máquina, instruía “introduzir nas tripas do afogado, o fumo do tabaco aceso por dois cachimbos” (PAIVA, 1786, p. 20). No caso do livro que traduziu da Sociedade de Londres e no folheto, Henriques de Paiva não menciona o uso do tabaco pelos intestinos, mas inclui as “fumaças do tabaco introduzidas na via superior por uma seringa fumigatória ou de dois cachimbos” (PAIVA, 1790, p. 12).

Figura 2 - Fumigação com tabaco. Avis au peuple, sur les asphyxies, ou morts apparentes et subites, contenant les moyens de les prévenir et d'y remédier. Avec la description d'une nouvelle boîte fumigatoire portative / [Joseph Jacques de Gardane 1774]



Fonte : Disponível em:
<https://wellcomecollection.org/works/fh9naxm8/items>.
Acesso em: 07/11/2022.

Qual o significado que tais práticas assumiam para a medicina do século XVIII? Nenhum dos livros onde a técnica é mencionada encontra-se uma exposição da teoria que a justificasse. Em estudo sobre o tema, Anton Serdeczny observou que a insuflação do tabaco pelo intestino não se respaldava nas teorias médicas da Ilustração. Buscando reconstituir seus significados, ele identificou traços formalmente idênticos entre essa técnica e os rituais carnavalescos das francesas na época moderna. O autor estabelece relações entre práticas heterônimas, que faziam referência ao fole nos intestinos, tais como os provérbios escritos por um membro de uma confraria carnavalesca, em Rouen, no século XVII, e na ópera *Arlequin Phaeton*, que se inseria na tradição da *Commedia dell'Arte*. O recurso ao tabaco insuflado pelo intestino pode ser associado a outras tradições culturais. Os Micmacs, povo ameríndio de uma região do Canadá, usavam da tripa animal e um tubo para empurrar fumaça de tabaco nas barrigas dos afogados. (SERDECZNY, 2018, p. 24; SERDECZNY, 2018b).

Nas fontes que foram levantadas sobre o tema, localizamos uma única referência à essa prática. Na *Farmacopeia tubalense* (1735), de Manuel Rodrigues Coelho o autor faz menções aos clisteres ou enemas, feito de vários eletuários e que eram aplicados por meio de uma seringa no intestino, prática que o autor dizia ser bastante vulgarizada (COELHO, 1735, p. 364). Entretanto, não há nenhuma referência nessa farmacopeia sobre sua utilização em afogados ou por meio de máquinas fumigatórias. Desse modo, essa aplicação específica tratava-se, pelos indícios disponíveis, de uma novidade da medicina europeia transplantada para Portugal.

Se a insuflação do tabaco pela via intestinal assumia uma especificidade naquele período, o mesmo não se pode dizer do uso do tabaco associado às doenças respiratórias. Conforme era recomendado em alguns tratados médicos do setecentos. Tais referências não se encontram, todavia, nos textos impressos no contexto do Reformismo Ilustrado e sim, em obras da primeira metade do século XVIII. Nos tratados de matéria médica do Cirurgião Luís Gomes Ferreira e Curvo Semedo, há praticamente a mesma indicação do tabaco como erva que combatia a asma: “o tabaco de fumo tomado por muitos dias duas vezes não só cura a asma de causa fria, mas preserva dela, e desobstrui a sustância; e brônquios do bofe” (SEMEDO,

1720, p. 55; FERREIRA, 1735, p. 143). Neste caso, o cirurgião ao que tudo indica compilou, sem indicar a fonte, a referência da obra de João Curvo Semedo, uma das principais influências da obra de Gomes Ferreira.

Não se tratava à época ainda dos debates sobre a reanimação, que começaram a ser disseminadas na Europa a partir da década de 1730. Mas, pode-se depreender desse receituário que o tabaco tinha um papel nas doenças associadas à respiração. A indicação da “erva santa” para casos de asfixias em Portugal, ao que tudo indica, foi incorporada somente a partir do momento em que são impressos os primeiros livros em língua estrangeira sobre o assunto, mencionadas ao longo deste artigo.

No início do século XIX, o tabaco ainda continuaria a figurar como parte da terapêutica de reanimação dos corpos. Na *Farmacopeia química, médica e cirúrgica*, Antônio José de Sousa Pinto, propugnava que, dentre outras propriedades curativas, o “fumo das folhas do tabaco é útil aos aparentemente afogados”, embora não especifique de que maneira ele deveria ser empregado (PINTO, 1805, p. 67). Entretanto, há indicativos de que no século XIX, o recurso ao tabaco - fosse por meio de enemas ou remédios - passou a ser cada vez mais questionado. O isolamento da nicotina, em 1828, ofereceu aos médicos uma evidência de que a erva santa poderia ser venenosa à saúde, por se tratar de um poderoso alcaloide (CHARLTON, 2004, p. 294). Nesse contexto, mesmo antes do isolamento da nicotina, um artigo publicado em um periódico destinado a divulgar as ciências, refutava a prática de administrar o tabaco em clisteres, pois era remédio inútil (BREVE INSTRUÇÃO, 1819, p. 83).

Embora seja uma discussão que julgamos relevante, o exame dos desdobramentos dessa questão na medicina do século XIX requer um outro estudo, que foge ao recorte aqui proposto. De todo modo, a breve análise de um traço específico das técnicas de reanimação permite assim adentrar no campo da circulação dos saberes, e no âmbito de algumas especificidades da medicina em Portugal, no que diz respeito às questões analisadas ao longo desse artigo. Nele, buscou-se abordar a discussão sobre a morte aparente e as práticas de reanimação em Portugal, entre a década de 1780 e 1818, situando o tema em relação à conjuntura das transformações sanitárias no período e buscando indicar os agentes e atores envolvidos nesse processo. Nesse contexto, Pina Manique teve um papel importante no

incentivo de publicação de obras ligadas ao tema, bem como em prover recursos para o uso de máquinas de reanimação em Portugal.

No que diz respeito à literatura médica, espera-se ter mostrado como as obras sobre o assunto publicadas em países como Inglaterra e França, foram difundidas em território lusitano. Tal aspecto não pode ser entendido sem a valorização da ciência sob a Ilustração, e o papel dos autores e tradutores nesse processo, com destaque para Manuel Henriques de Paiva e também José de Freitas Soares, autor do tratado de polícia médica. Desse ponto de vista, o tema da morte aparente permite compreender igualmente processos de apropriação e circulação das ideias no contexto luso, no período aqui contemplado.

Fontes

AVISOS interessantes sobre as mortes aparentes, recopilados da coleção da Sociedade humana de Inglaterra, das obras de M. Pia e M. GARDANNE. Lisboa, na Oficina da Academia real das Ciências, 1790

BERCHTOLD, L. **Ensaio dos vários meios com que se intenta salvar e conservar a vida dos homens em diversos perigos, a que diariamente se acham expostos.** Portugal: Na regia Oficina Tipográfica, 1793.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...** : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos.

BREVE Instrução Sobre os socorros que se devem administrar às pessoas mordidas por animais danados, aos asfixiados; e direções sobre as cautelas que se devem tomar em casos de morte aparente. **Annaes das sciencias, das artes e das letras.** Por uma Sociedade de Portugueses residentes em Paris, Tomo IV. França: Impresso Por A. Bobée, Impressor Da Sociedade Real Acadêmica Das Ciências de Paris, 1819, pp. 66-91.

Descrição da construção, e uso dos instrumentos, que se contém na caixa portátil para recuperação dos afogados, ou outros quaisquer aparentemente mortos, recomendados pela insigne cirurgião Carlos Kite: explicação dos instrumentos, que se contém nos caixões da máquina para a restauração dos afogados, e outros aparentemente mortos, segundo o método da Sociedade Humana de Londres, e do modo de os armar, e servir-se deles. Lisboa: Na Regia Oficina Tipográfica, 1793.

FERREIRA, L. G. **Erário mineral:** dividido em doze tratados Portugal: Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do senhor Patriarca, 1735.

GARDANE, J. **Avis au peuple, sur les asphyxies, ou morts apparentes et subites**, contenant les moyens de les prévenir et d'y remédier. Avec la description d'une nouvelle boîte fumigatoire portative. Paris: De l'imprimerie de Valade. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/yd79rcv6>. Acesso em: 09 abr. 2022.

GAZETA DE LISBOA. Sem Título, n. XVII, 1790, pp. 27-31.

MUDGE, J. **A radical and expeditious cure for a recent catarrhus cough**. receded by some observations on respiration. London: printed by E. Allen; and sold by J. Walter; B. Thorn, at Exeter; and M. Haydon, at Plymouth, 17779. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/chkw8w32>. Acesso em: 9 abr. 2022.

PAIVA, M. H. de. **Aviso ao povo sobre as asfixias ou mortes aparentes**, e sobre os socorros que convém aos afogados, às crianças recém-nascidas com aparências de mortes, aos sufocados por uma paixão veemente d'alma, pelo frio, ou calor excessivos, pelo fumo de carvão, ou pelos vapores corruptos dos cemitérios, poços, cloacas, canos, prisões, hospitais. Lisboa: na Officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1786.

PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de, 1752-1829. **Methodo de restituir a vida às pessoas aparentemente mortas por affogamento ou suffocação, recommendado pela Sociedade Humana de Londres**: e descrição e figura do respirador de Mudge, cirurgião em Plymouth, com a maneira de usar delle, e hum Summario dos seus effeitos nas tosses catarraes rcentes, e noutros achaques do bofe. Lisboa: na Typografia Nunesiana, 1790. 31 p. Disponível em: <http://purl.pt/24134>. Acesso em 09 abr 2022.

PINTO, A. J. de S. **Farmacopeia química, medica e cirúrgica**. Portugal: Impressão Regia, 1805.

SEMEDO, J. C. **Atalaia da vida contra as hostilidades da morte**; fortificada, e guarneçada com tantos defensores, quantos são os remédios, que no discurso, de cinquenta, e oito anos experimentou. Lisboa Occidental: Na Officina Ferreyrenciana, 1720. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/d6uspfcp>.

XIORRO, D. J. G. Y. **Aviso al pueblo acerca de su salud** ó Tratado de las enfermedades mas frequentes de las gentes del campo: con un Catecismo o Instruccion sobre las asfixias o muertes aparentes y sobre los socorros que convienen... ; compuesto por Mr. Gardane; publicado de orden del Gobierno de Francia; Espanha: En la imprenta de Pedro Marin, 1790.

Referências bibliográficas

ABREU, L. A institucionalização do saber médico e suas implicações sobre a rede de curadores oficiais na América portuguesa. **Tempo**, v. 4, n. 3, pp. 493-524, 2018.

ABREU, L. **Pina Manique**. Um reformador no Portugal das luzes. Lisboa: Gradiva, 2013.

- CAROL, A. **Les Médecins et la Mort, xixe-xxe siècle**. Paris: Aubier, 2004.
- CAROL, A. Une histoire médicale des critères de la mort. **Communications**, n. 97, pp. 45-55, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communications-2015-2-page-45.htm>. Acesso em 09 abr. 2022.
- CHARLTON, A. Medicinal uses of tobacco in history. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 97, n. 6, pp. 292-296, 2004. Disponível em: <https://doi:10.1258/jrsm.97.6.292>
- CONCEIÇÃO, G. C. da. Ciência, poder e circulação de conhecimento no século XVIII: Ribeiro Sanches e o Brasil colonial. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, pp. 818-841, 2019.
- CRESPO, J. As provas do corpo, os sinais da morte nos séculos XVIII-XIX. **Proposições**, v. 14, n. 2, pp. 31-39, 2003.
- CURTO, D. R. D. Rodrigo de Souza Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego. In: **A Casa Literária do Arco do Cego (1799 - 1801)**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, pp. 15-49.
- DEMERSON, P. de. Muertes aparentes y socorro administrados a los ahogados y asfixiados en las postrimerias del siglo XVIII. **Asclepio**. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia, v. LIII, n. 2, pp. 45-68, 2001.
- EISENBERG, M. S. Charles Kite's essay on the recovery of the apparently dead: the first scientific study of sudden death. **Ann. Emerg. Med.** v. 23, n. 5, pp. 1049-1053, May, 1994.
- FEBRER, J. L. F. Las primeras noticias em Europa sobre el uso medico del tabaco. **Revista de Fitoterapia**, v. 1, n. 4, pp. 269-276, 2001.
- FERLAND, C. Memórias do Tabaco. O uso do tabaco, desde o século XV até os dias atuais. **Drogas, saúde e sociedade**, v. 6, n. 1, pp. 17-48, 2007.
- FERREIRA, L. O. Das doutrinas à experimentação: rumo às metamorfoses da medicina do século XIX. **Revista da SBHC**, n. 10, pp. 43-52, 1993.
- FURTADO, J. F. Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FURTADO, J. F. (Org.). FERREIRA, L. G. **Erário Mineral**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, v. 1 e 2, pp. 3-30.
- GAMA, M. L. A Intendência Geral da Polícia de Pina Manique (1780-1805): criação e construção de um novo paradigma na política penal em Portugal nos finais do Antigo Regime. **Revista Jurídica Universidad Autónoma de Madrid**, v. 1, n. 33, pp. 97-119, 2016.
- KORI, S. K. Time since Death from Rigor Mortis: Forensic Prospective. **Journal of Forensic Sciences & Criminal Investigation**, v. 9, n. 5, pp. 555-571, 2018.
- KURY, L. Homens de Ciência no Brasil: Impérios Coloniais e Circulação de Informações (1780-1810). **História, ciências, saúde - Manguinhos**, v. 11, suplemento 1, pp. 109-129, 2004.
- MANTOVANI, R. O que foi a polícia médica? **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 25, n. 2, pp. 409-427, 2018.

MARINOZZI, S.; BERTAZZONI, G.; GAZZANIGA, V. Medical Instructions of the XVIII Century to Resuscitate the Apparently Dead: Rescuing the Drowned to Define the Origins of the Emergency Medicine. **Emergency Medicine: An International Perspective**. London: IntechOpen, 2012.

MARQUES, V. R. B. Instruir para fazer a ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos. **Vária História**, Belo Horizonte, n. 32, pp. 37-47, 2004.

MÁRQUEZ-RODRÍGUEZ, C. M; MÁRQUEZ-ESPINÓS, C. El diagnóstico de la muerte en España. a propósito de la resucitación de la muerte aparente. **Llull: Revista de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas**, v. 42, n. 86, pp. 145-156, 2019.

MAXWELL, K. **Marquês de Pombal**. Paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MCCABE, C. The humane society movement and the transnational exchange of medical knowledge in the late eighteenth and early nineteenth centuries. **Journal of the Royal College of Physicians of Edinburgh**, v. 49, n. 2, pp. 158-164.

MILANESI, C. La mort-instant et la mort-processus dans la médecine de la seconde moitié du siècle. **Dix-Huitième Siècle**, n. 23, pp. 171-190, 1991.

MOLIN, A. M. O corpo diante da medicina In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. As mutações do olhar: o século XX. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, pp. 15-81.

PITA, J. R. Farmácia e Saúde em Portugal. De finais do século XVIII a inícios do século XIX. In: FORMOSINHO, S. J; BURROWS, H. D. **Sementes de ciência**: livro de homenagem antónio marinho amorim da costa. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. pp. 205-232.

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: tradições e transformações fúnebres na Corte. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, 1997.

SERDECZNY, A. **Du tabac pour le mort**. Une histoire de la reanimation. Paris: Champ Vallon, 2018.

STEIN, S. W.; Thiel, Charles G. The History of Therapeutic Aerosols: A Chronological Review. **Journal Of Aerosol Medicine and Pulmonary Drug Delivery**. v. 30, n. 1, pp. 20-42, feb. 2017. Disponível em: <http://doi:10.1089/jamp.2016.1297>.

SUBTIL, C. L. L. **A saúde pública e os enfermeiros entre o Vintismo e a regeneração (1821-1852)**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde, 2013.

SUBTIL, C. L. L. O Conselho de Saúde Pública, uma imanência da Revolução de 1820. **Cadernos do Arquivo Municipal**. 2.ª série, n. 15, pp. 139-158, Jan-jun 2021.

SUBTIL, C.; VIEIRA, M. Os tratados de polícia, fundadores da moderna saúde pública (1707-1856). **Referência - Revista de Enfermagem**, v. 3, n. 7, pp. 179-187. 2012.

SUBTIL, J. O antigo regime da saúde pública entre o reino e o Brasil. **Revista Ultramares**, v. 1, n. 8, pp. 39-66, ago-dez, 2015.

TRÉPARDOUX, F. Philippe-Nicolas Pia (1721-1799), échevin de Paris, pionnier du secourisme en faveur des noyé (première partie). **Revue d'histoire de la pharmacie**, 85^e ano, n. 315, pp. 257-268, 1997.

VIGARELLO, G. **Histoire des pratiques de santé**. Paris: Editions du Seuil, 1999.

VILLALTA, L. C. **Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as Luzes**. Reformas, censura e contestações. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Trato, 2015.

WAISSE, S; AMARAL, M. T. C. G. do; ALFONSO-GOLDFARB, A. M. Raízes do vitalismo francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, pp. 625-640, jul.-set. 2011.

WEGNER, R. Livros do Arco do Cego no Brasil colonial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 11, Suplemento 1, pp. 131-140, 2004.